

FILOSOFIA  
REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS  
DA UNIVERSIDADE DO PORTO



*Filosofia. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*

Revista fundada em 1970, publicada até 2013 (vol. 30) com o título *Revista da Faculdade de Letras – Série de Filosofia* (1.ª série 1970-1973; 2.ª série, desde 1985).

DIRETOR:	José Meirinhos (Departamento de Filosofia e Instituto de Filosofia)
CONSELHO EDITORIAL:	António Braz Teixeira (Lisboa) António Manuel Martins (Coimbra) Charles Travis (Londres/Porto) Hans Thijssen (Nijmegen) Isabel Matos Dias (Lisboa) João Rosas (Braga) Octavi Fullat (Barcelona) Juan Vasquez (Santiago de Compostela) Maria de Sousa (Porto) Maria Luisa Portocarrero (Coimbra) Rafael Ramón Guerrero (Madrid) Walter Osswald (Porto)
CONSELHO DE REDAÇÃO (Departamento de Filosofia e Instituto de Filosofia, UI&D 502)	João Alberto Pinto José Meirinhos Luís Araújo Maria Celeste Natário Maria Eugénia Vilela Maria João Couto Paula Cristina Pereira Paula Oliveira e Silva Paulo Tunhas Rui Bertrand Baldaque Romão Sofia Miguens
EDITOR E PROPRIEDADE:	Faculdade de Letras da Universidade do Porto
DISTRIBUIÇÃO / PERMUTAS	Serviço de Publicações – Biblioteca Central Faculdade de Letras da Universidade do Porto Via Panorâmica s/n 4150-564 Porto
ENDEREÇO:	Filosofia, Revista da FLUP Departamento de Filosofia Faculdade de Letras Via Panorâmica s/n 4150-564 Porto (Portugal)
E-MAIL:	filosofia.revista@letras.up.pt
EXECUÇÃO GRÁFICA:	Edições Afrontamento
TIRAGEM:	150 exemplares
ISSN:	0871-1658
ISSN-e:	2183-6892
DEPÓSITO LEGAL:	175913/02

As opiniões defendidas nos artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores e não representam posições assumidas pela própria revista.

Todos os artigos são submetidos a dupla revisão anónima por pares (double blind peer review process).

A revista tem edição impressa e edição online: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/filosofia>

PAULO TUNHAS\*

## KIERKEGAARD: INDIVÍDUO E SISTEMA

### *Kierkegaard: individual and system*

#### **Abstract**

The concept of individual is Kierkegaard's main ontological concept (in fact the only one, properly speaking). For Kierkegaard it stands opposed to the idea of system, which he refuses. Yet although he refuses the idea of system, his thinking is intrinsically systematic; this is noticeable since his first book, *The Concept of Irony*. Such systematicity coexists with 'aspect dialectics', a peculiar form of skepticism.

**Keywords:** Individual; System; Aspect dialectics; Systematicity; Categories.

**Authors:** S. Kierkegaard.

#### **Resumo**

O conceito de indivíduo é o principal conceito ontológico de Kierkegaard (propriamente falando, o único). O seu oposto, do ponto de vista de Kierkegaard, é a ideia de sistema. Mas, se bem que Kierkegaard recuse a própria ideia de sistema, o seu pensamento possui uma sistematicidade categorial intrínseca, se bem que haja nele algo que aponta para uma peculiar forma de cepticismo, nomeadamente a dialéctica aspectual. A natureza sistemática da filosofia de Kierkegaard é observável já no seu primeiro livro, *O Conceito de Ironia*

**Palavras-chave:** Indivíduo; sistema; dialéctica aspectual; sistematicidade; categorias.

**Autores:** S. Kierkegaard.

Procurarei, no que se segue, explorar rapidamente, quase de modo telegráfico, algumas questões fundamentais do pensamento de Søren Kierkegaard através de um núcleo central, o da oposição entre indivíduo e sistema. Sendo este

---

\* Professor Auxiliar do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigador do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, Via Panorâmica s/n; 4150-564 Porto. Email: paulo.tunhas@gmail.com.

artigo uma versão muito resumida de um texto assaz extenso, omiti citações das obras de Kierkegaard e reduzi ao mínimo a menção a comentários a elas feitos. Começarei (1) por referir o escopo dessa oposição central, para depois (2) passar a uma questão mais vasta: a da relação entre sistema, sistematicidade e anti-sistematicidade do pensamento. Ver-se-á em seguida (3) que a primeira obra de Kierkegaard, *O Conceito de Ironia*, contém já em si alguns dos elementos fundamentais das obras futuras. A conclusão (4) procurará indicar alguns percursos posteriores que esta investigação permite.

## 1. Indivíduo e Sistema

A oposição entre indivíduo e sistema é, sem dúvida, um dos tópicos mais recorrentes na literatura sobre Kierkegaard, e pela muito boa razão de ser realmente central na sua obra. O sistema, bem como a lógica, encontram-se numa situação de exterioridade por relação à existência do indivíduo. Estamos face a uma oposição que não podia ser mais extrema.

Kierkegaard é o pensador por excelência do indivíduo na sua singularidade absoluta, do indivíduo singular. Tal singularidade resiste a uma sua absorção por qualquer sistema, na exacta medida em que a função do sistema por definição visa anulá-la. É Hegel quem, tradicionalmente, é visto como o representante do sistema. E, indiscutivelmente, a justo título, já que é ele que Kierkegaard extensamente designa como tal, em várias das suas obras.

O sistema hegeliano – a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* serve de referência – pode ser visto como uma construção que, partindo da lógica, realiza sem falhas as determinações conceptuais desta, começando pela filosofia da natureza, e atravessando a estética, até chegar aos planos da moralidade, da eticidade (ou moralidade efectiva), do direito, da política e da história. No fim da história, opera-se um retorno definitivo às determinações da lógica, retorno esse cujo nome é Saber Absoluto<sup>1</sup>.

Mas a posição de Kierkegaard não se opõe apenas ao sistema hegeliano: opõe-se a todo e qualquer sistema. Como, por exemplo, ao sistema de Comte, sobretudo como formulado no *Discours sur l'ensemble du positivisme*. Kierkegaard não se refere a esta obra, publicada em 1848, e portanto contemporânea dos escritos filosóficos de Kierkegaard, d'O *Conceito de Ironia* (1841) ao *Tratado do Desespero* (1849). (Não há, de resto, referência alguma de Kierkegaard a Comte em qualquer das suas obras – o que não é, é claro, excessivamente surpreendente.) O texto de Comte é a primeira grande exposição sistemática do positi-

---

<sup>1</sup> Cf. TUNHAS, P., «*Telos e Erinnerung na vida do Espírito segundo Hegel*», *Revista da Faculdade de Letras – Série de Filosofia*, 30 (2013) 105-130.

vismo. Comte distingue três grandes faculdades humanas: a razão, o sentimento e a actividade, correspondendo a três grandes domínios: especulativo, afectivo e activo, representados pela filosofia, a poesia e a política, e simbolizados respectivamente pelas figuras do filósofo, da mulher e do proletário. Aos olhos de Comte, e aí se revela particularmente a natureza sistemática do seu projecto, é o meio-termo – o sentimento, a afectividade, a poesia e a mulher – que possui verdadeiro poder unificador, quer dizer, que funciona como coordenador do todo. Sem tal meio-termo não haveria, para Comte, sistema. É significativo que Comte atribua à influência de Clotilde de Vaux a descoberta deste centro (sentimento, afectividade, etc.). O sistema é literalmente descoberto através da mulher.

Sem querer atribuir culpas no capítulo a Regina Olsen, nenhuma unificação deste tipo se encontra em Kierkegaard. O indivíduo, o singular radical, resiste a uma inteligibilidade que seja obtida através da sua integração num todo harmónico e sem lacunas.

## 2. Sistema, sistematicidade e anti-sistematicidade do pensamento

Na sua oposição ao sistema, encontramos em Kierkegaard duas atitudes muito diferentes entre si. Uma, que aponta para uma verdadeira anti-sistematicidade do pensamento, caracteriza-se pela prática de uma oposição constante de pontos de vista, aquilo que se poderia chamar uma dialéctica aspectual. Vemos uma coisa a partir de uma certa perspectiva – depois vemo-la a partir da outra. E não há verdadeiramente progresso de uma visão a outra: há apenas balanço. Trata-se de uma prática que encontramos no cepticismo antigo, sobretudo no pirrónico, mas igualmente em muita filosofia posterior. Em Wittgenstein, por exemplo<sup>2</sup>. A outra atitude característica de Kierkegaard indica uma oposição ao sistema a partir de uma sistematicidade interna ao seu próprio pensamento. As suas atitudes não são incompatíveis entre si, mas precisam de ser distinguidas, já que nos revelam dois planos nos quais o pensamento de Kierkegaard se move, e que são dois modos de pensar o indivíduo.

Começemos pela primeira atitude, que corresponde à prática da dialéctica aspectual e ao efectivo exercício de um pensamento anti-sistemático. Ela encontra-se praticamente definida em *Ou... Ou...* Note-se que a tradução de *Enten-Eller*, do *aut-aut*, por “A Alternativa” recalca a dimensão da dialéctica aspectual – perfeitamente expressa em *Ou... Ou...*: não se pode dizer quem convenceu quem, se A ou B, não há fim, a “maneira de ver” de um não suplanta a “maneira

---

<sup>2</sup> Permito-me reenviar, para a noção de dialéctica aspectual, a TUNHAS, P., *O Pensamento e os seus Objectos. Maneiras de Pensar e Sistemas Filosóficos*, MLAG Discussion Papers – Ed. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto 2012, especialmente o capítulo XI.

de ver” do outro, as concepções continuarão a confrontar-se, sem que haja “solução definitiva” – na obra de Kierkegaard. Por isso, as leituras de *Ou... Ou...* que vêem a obra como uma “apologia do estádio ético”, como a de Jean Wahl, por exemplo<sup>3</sup>, parecem falhar algo de essencial a Kierkegaard. Isto, apesar de Wahl ter percebido perfeitamente um elemento fundamental da dialéctica kierkegaardiana: “aqui, a dialéctica leva-nos para lá da dialéctica. Encontramo-nos na presença de saltos infinitos, de diferenças qualitativas infinitas”<sup>4</sup>. O contrário de uma teleologia, portanto, e de algo que colocasse um ponto de vista num lugar cimeiro, tentativamente eliminando os restantes. Poder-se-ia argumentar que certos textos de Kierkegaard – nomeadamente o *Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra Como Escritor* (1848, publicado postumamente em 1859) – apontam no sentido de uma leitura teleológica da doutrina das esferas, e, portanto, invalidam a tese da dialéctica aspectual<sup>5</sup>. Mas não creio que a possibilidade muito real de uma tal leitura anule por inteiro a outra possibilidade: a de ver em Kierkegaard o praticante de uma certa dialéctica aspectual.

Numa leitura teleológica de Kierkegaard, dever-se-ia passar do estádio estético para o ético, e deste para o religioso. Numa leitura de Kierkegaard como praticante da dialéctica aspectual, não será já assim. Cada esfera possui uma autonomia própria, resulta de um ponto de vista sobre a experiência, a vida. Podemos pensar em pessoas que têm uma tendência natural para viverem no seio de uma esfera particular, sem terem de passar por um processo de saltos de uma esfera para outra<sup>6</sup>. De resto, há muitas semelhanças entre a esfera estética e a religiosa, mais talvez do que entre a ética e esta última<sup>7</sup>.

Ao mesmo tempo – e passo agora para o outro plano, o da sistematicidade da filosofia de Kierkegaard – a articulação entre as três esferas, que representam

---

<sup>3</sup> WAHL, J., *Kierkegaard. L'Un devant l'Autre*, Paris, Hachette, 1988, p. 28.

<sup>4</sup> WAHL, *op. cit.*, p. 30.

<sup>5</sup> O *Ponto de Vista*, em que Kierkegaard pretende fornecer a chave para a leitura da totalidade das suas obras, defende a tese segundo a qual todas elas constituem, de facto, um percurso em direcção à esfera religiosa. No caso dos textos pseudónimos prévios ao *Postscriptum Final Não-Científico aos Fragmentos Filosóficos* (1846), tal percurso fundar-se-ia na “comunicação indirecta”, que supõe a adopção formal do modo de pensar próprio a uma determinada esfera com vista a insensivelmente conduzir quem nessa esfera vive a dar o salto para a esfera religiosa. O *Postscriptum* ocuparia um lugar charneira, de transição para as obras ortónimas, que se encontrariam (tal como as obras ortónimas do primeiro período, prévias ao *Postscriptum*) na pura esfera do religioso. A adopção de uma perspectiva teleológica não necessita, é verdade, de se apoiar nas considerações do *Ponto de Vista*. Cf., por exemplo, certas passagens das *Etapas no Caminho de uma Vida*.

<sup>6</sup> WAHL, *op. cit.*, p. 270.

<sup>7</sup> WAHL, *op. cit.*, pp. 29-31. Cf. também TUNHAS, P., «Retorno e Repetição», in GASPAS, C. – PATRIARCA, F. – SALGADO DE MATOS, L. (eds.), *Estado, Regimes e Revoluções. Estudos em Homenagem a Manuel de Lucena*, Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa 2012, pp. 191-198, especialmente p. 197.

formas de vida e maneiras de pensar distintas, é, apesar dos saltos necessários para transitar de uma esfera a outra, tudo menos arbitrária. Ela revela algo de estrutural no pensamento de Kierkegaard, isto é, revela uma sistematicidade interna.

Há, como se disse, três esferas de vida, segundo Kierkegaard. São elas a esfera estética, a esfera ética e a esfera religiosa. Notar-se-á que, à diferença das tripartições habituais dos sistemas filosóficos – maximamente em Kant, mas tal verifica-se no essencial já na filosofia grega, nomeadamente nos Estóicos – não encontramos em Kierkegaard uma esfera que corresponda ao conhecimento da natureza. O que faz a sua vez, por assim dizer, é a esfera religiosa. De um modo vagamente reminescente de Sócrates, a investigação da natureza não conta para Kierkegaard.

As esferas encontram-se representadas por personagens. Assim, a esfera estética deixa-se perceber na figura do Don Giovanni de *Ou... Ou...*, a esfera ética em Sócrates, em *O Conceito de Ironia* e nos *Fragmentos Filosóficos*, e a esfera religiosa em Job (*A Repetição*) e Abraão (*Temor e Tremor*). E a cada uma delas corresponde igualmente um autor pseudónimo. Por exemplo, para a esfera estética, o autor A de *Ou... Ou...* e William Aphan das *Etapas no Caminho de uma Vida*; para a esfera ética, o autor B, o Juíz Wilhelm, de *Ou... Ou...*, bem como o marido das *Etapas no Caminho de uma Vida*; e, finalmente, para a esfera religiosa, pelo menos parcialmente, o Frater Taciturnus das *Etapas no Caminho de uma Vida*.

É a análise da relação entre os três personagens e entre os três autores, e entre personagens e autores, que nos pode revelar a sistematicidade (que não é sistema) do pensamento de Kierkegaard. E, face a alguém para quem o indivíduo se apresenta como a categoria central, é um empreendimento tentador o de buscar qual a esfera em que viviam aqueles com quem Kierkegaard se relacionou.

O pai, por exemplo. Em que esfera vivia o pai de Kierkegaard? Ou Regina Olsen, ou Mynster, ou Goldschmidt? E, em primeiro lugar, Kierkegaard ele mesmo. A esfera ética funciona como um obstáculo, uma esfera em que Kierkegaard tinha dificuldade em viver, como o prova o caso Regina Olsen. E a esfera religiosa, conseguia-a no fundo apenas viver a partir da esfera estética. Mas não pretendo aqui senão assinalar uma possível linha de investigação. Passemos agora para um outro plano da sistematicidade kierkegaardiana, que consiste na sua estrutura conceptual.

Uma das marcas de uma filosofia autónoma é a existência de uma vida própria dos conceitos e categorias de que se serve. São, à sua maneira, marcas da soberania dessa filosofia. Tal soberania cria, no próprio acto em que se constitui, um sistema de oposições a outras filosofias. As filosofias pós-cartesianas, tal como as pós-kantianas, são um lugar de eleição para estudar tais sistemas de oposições. Mas encontramos um processo semelhante em Kierkegaard: a sua oposição a Hegel não é inteiramente explicável por razões genéticas. Ela é estrutural, tem a

ver com incompatibilidades que são objectivas e que decorrem de uma soberania conceptual. E é essa dimensão estrutural que é sobretudo interessante estudar. Do mesmo modo, criam-se afinidades estruturais. Nietzsche parece nunca ter lido Kierkegaard (nas suas obras, mesmo nos fragmentos póstumos, não há uma única referência a Kierkegaard), apesar de ter anunciado numa carta a Brandes o desejo de o estudar<sup>8</sup>. Há, no entanto, certas afinidades estruturais, certas alianças, entre as duas filosofias, e não apenas alianças negativas (anti-hegelianas, por exemplo)<sup>9</sup>.

Que tipos de conceitos encontramos em Kierkegaard? A classificação aqui proposta é muito tentativa, além de deixar de lado a questão de saber se, a propósito das noções de que Kierkegaard se serve, “demasiado estreitamente unidas ao indivíduo, à acção do indivíduo”<sup>10</sup>, se pode falar exactamente de “conceitos”. O termo “categoria” será eventualmente mais acertado:

1. *Categorias objectais*: Estético, Ético, Religioso – Objectos de pensamento, aos quais correspondem maneiras de pensar específicas, diferentes pontos de vista sobre a experiência. Ou ainda, para utilizar uma categoria cara a Kierkegaard – e também, de resto, a Goethe e a Wittgenstein –, diferentes *atmosferas*. As categorias objectais são abordadas por Kierkegaard ao longo de toda a sua obra filosófica, definindo a especificidade de cada esfera e os modos como estas se articulam entre si.

2. *Categorias operatórias*: Absurdo, Contradição, Desejo, Decisão (x Deliberação), Entusiasmo, Escolha, Fé, Paixão, Paradoxo, Suspensão teleológica, Repetição (x Rememoração, a *anamnese* platónica e a *Erinnerung* hegeliana), uma categoria assimilada, à sua maneira, por Heidegger em *Sein und Zeit*, Risco (a categoria de risco é uma categoria com tonalidades objectivas, e, portanto, não propriamente existencial), Salto (x Passagem/Transição) – Categorias que nos permitem mudar de uma esfera (de um tipo de objectos e da maneira de pensar que lhes corresponde) para outra. É sobretudo em *Temor e tremor* (1843) e em *A repetição* (também de 1843) que as categorias operatórias se encontram melhor estabelecidas.

3. *Categorias modais*: Necessidade, Possibilidade – São, no fundo, as categorias centrais, do ponto de vista da sistematicidade do pensamento kierkegaardiano. É talvez a partir delas que melhor se pode conceber a oposição ao sistema hegeliano. Aqui, é *O Conceito de Angústia* (1844) que é fundamental.

---

<sup>8</sup> WAHL, *op. cit.*, p. 235.

<sup>9</sup> Cf. TUNHAS, «Retorno e Repetição», *art. cit.*

<sup>10</sup> Cf. WAHL, *op. cit.*, p. 47.



4. *Categorias temporais*: Passado, Presente, Futuro, Contemporaneidade, Instante, Eternidade – Representam desdobramentos que poderíamos talvez chamar proto-existenciais das categorias modais. (Sabe-se a importância das categorias temporais no Heidegger de *Sein und Zeit*, mas elas são igualmente relevantes no Sartre de *L'être et le néant* e no Merleau-Ponty da *Phénoménologie de la perception*.) De novo, é *O Conceito de Angústia* que melhor explora os desdobramentos proto-existenciais das categorias modais.

5. *Categorias existenciais*: Angústia face ao Mal e face ao Bem (a angústia é entendida como relação ao Nada, por distinção com o Medo, definido como um tipo de relação a um objecto determinado – algo que Heidegger recuperará), Culpa, Demoníaco, Desespero, Destino, Eros, Esperança, Espírito, Inocência, Pecado, Pecado Original, Queda, Remorso, Sensualidade, Sexualidade – Correspondem à determinação experiencial na qual os outros conceitos surgem. Assim, é a angústia, como notou Jean Wahl, que faz nascer no indivíduo o sentido das possibilidades<sup>11</sup>. É mais uma vez aqui *O Conceito de Angústia* que é fundamental: não por acaso, a obra que mais influenciou Heidegger, mesmo que talvez convenha distinguir os existenciais kierkegaardianos dos “existenciários” heideggerianos. Para Heidegger, as categorias existenciárias – grandemente recuperadas de Kierkegaard, com omissões de peso, nomeadamente as respeitantes à sexualidade: não há sexualidade em *Sein und Zeit* – são declaradamente ontológicas. Não é óbvio que o sejam para Kierkegaard.

6. *Categorias comunicacionais*: Comunicação Indirecta, Humor e Ironia – São as categorias que melhor permitem revelar o fundo ontológico ao qual tudo se refere e que exibem a dialéctica propriamente kierkegaardiana.

7. *Categorias ontológicas*: Indivíduo, ou Singular – É, no fundo, e desde o princípio, desde *O Conceito de Ironia* (1841), a categoria fundamental de Kierkegaard. Existir, lembra Jean Wahl, é ser um indivíduo<sup>12</sup>. É o indivíduo que se relaciona com os objectos (o estético, o ético e o religioso) e que os pensa na sua especificidade – pensar e viver aqui confundem-se, uma maneira de pensar é uma forma de vida (em Wittgenstein encontramos talvez uma idêntica determinação); que procede às operações que lhe permitem saltar de uma esfera de objectos (e de maneira de pensar) para outra; que experimenta, sobretudo no plano da temporalidade, os modos da necessidade e da possibilidade; que, finalmente, experiencia a angústia, a culpa, etc; e que recebe a verdade, através da comunicação indirecta, e não da comunicação directa, objectiva (a primeira é

---

<sup>11</sup> WAHL, *op. cit.*, p. 48.

<sup>12</sup> WAHL, *op. cit.*, p. 121.

paradoxal e não doutrinal e dá a ver o indivíduo; a segunda, por contraste, reside essencialmente na comunicação de uma doutrina). O indivíduo comporta determinações específicas, que são quase outros modos de o dizer por inteiro: Subjectividade (x Objectividade), Interioridade (x Exterioridade), etc. Nelas se exprime a sua oposição à multidão, ao nivelamento, ao público, à imprensa, ao anonimato, ao “nós” (Heidegger vem imediatamente ao espírito). A figura filosófica do indivíduo é o Pensador Subjectivo, que se coloca nos antípodas da abstracção, própria ao Pensador Objectivo, isto é, que se coloca no plano do concreto. E dois exemplos excepcionais são objecto principal da reflexão de Kierkegaard: Sócrates e, sobretudo, Cristo – o Absoluto e a Verdade ontologicamente concebida –, no qual a dialéctica do finito e do infinito melhor se expressa. Poder-se-ia acrescentar: Adão e Eva (*O Conceito de Angústia*), Don Giovanni (*Ou... Ou...*), Abraão (*Temor e Tremor*), Job (*A Repetição*). Um traço importante que surge aqui é o problema da identificação dos indivíduos: como se identificam os Cavaleiros da Resignação Infinita ou os Cavaleiros da Fé de que nos fala *Temor e Tremor*? (Problema análogo em Nietzsche: como se reconhece um Super-Homem? Não certamente através da sua heroicidade, Nietzsche detestava Carlyle. Provavelmente através da sua maneira de pensar.) Notar-se-á que o Indivíduo não se opõe apenas ao sistema concebido como totalidade orgânica, opõe-se igualmente, na sistematicidade kierkegaardiana, à natureza, apesar de alguma reflexão epistemológica no *Postscriptum Final Não-Científico aos Fragmentos Filosóficos*<sup>13</sup>. Daí essa sistematicidade não ser um sistema. Toda a obra de Kierkegaard é uma reflexão sobre o tema do indivíduo.

### 3. «O Conceito de Ironia, com uma referência contínua a Sócrates»

Vale a pena centrarmo-nos um pouco n’*O Conceito de Ironia*, procurando determinar em que medida se encontra já nessa obra algo que respeite à teoria das esferas. E a melhor maneira de levar a cabo tal inquirição é observando quais as categorias que se encontram presentes, e quais as ausentes, nesse texto. Isto muito aproximadamente, é claro.

Categorias que não aparecem em *O Conceito de Ironia*. Várias categorias, tanto de tipo objectal, pelo menos na sua determinação geral mais formal (Esfera), embora os objectos (Estético, Ético e Religioso) se encontrem mencionados; como de tipo operatório (Escolha, Decisão (x Deliberação), Repetição);

---

<sup>13</sup> Cf. EVANS, C. S., «Realism and antirealism in Kierkegaard’s *Concluding Unscientific Postscript*», in HANNAY, A. – MARINO, G. D. (eds.), *The Cambridge Companion to Kierkegaard*, Cambridge University Press, Cambridge 1998, pp. 154-176.

de tipo temporal (Contemporaneidade); de tipo existencial (Angústia, Desespero, etc.); e, finalmente, de tipo comunicacional (Comunicação Indirecta).

Categorias que aparecem em *O Conceito de Ironia*: Destino, Dialéctica, Eros, Estética, Ética, Indivíduo, Necessidade, Paradoxo, Paixão, Possibilidade, Religião, Salto, Sistema, Transição. Quer dizer, na classificação acima proposta: categorias objectais (Estética, Ética, Religião); categorias operatórias (Paradoxo, Paixão, Salto (x Transição)); categorias modais (Necessidade e Possibilidade); categorias temporais (Eternidade, Instante); categorias existenciais (Destino, Eros); categorias comunicacionais (Dialéctica, Humor, Ironia); e categorias ontológicas (Indivíduo x Sistema). Notar-se-á a fraca presença de categorias existenciais em *O Conceito de Ironia*, sobretudo em comparação com as obras posteriores, bem como das categorias temporais. Em contrapartida, as categorias objectais – não na sua determinação formal de esferas, repita-se – encontram-se todas elas representadas. As categorias modais também. E a categoria ontológica por excelência, o Indivíduo, é omnipresente. Bem representadas encontram-se as categorias operatórias, bem como as categorias comunicacionais.

Estas duas listas, a da ausência e a da presença, são, como é fácil de imaginar, muito incompletas. E dizem-nos relativamente pouco. Dizem-nos, no entanto, alguma coisa. Dizem-nos que as esferas do estético, do ético e do religioso – embora não concebidas como esferas autónomas e fechadas em si – se encontram em Kierkegaard desde o princípio; que um sistema de operações sobre essas esferas – sobre essas proto-esferas, seria melhor dizer – está já em gestação; que há uma reflexão sobre as modalidades (o confronto com Hegel de resto a isso obriga); que a questão da comunicação é central; que a problemática ontológica – a questão do Indivíduo – se encontra, enquanto tal, plenamente estabelecida. Dizem-nos igualmente, agora pela negativa, a pouca importância, em *O Conceito de Ironia*, das categorias temporais e existenciais. Se se quiser, são as categorias mais formais (objectais, operatórias, modais, comunicacionais) que tomam a boca de cena. A par da categoria ontológica única, o Indivíduo. As categorias mais materiais (temporais, existenciais) não parecem particularmente importantes.

#### 4. Conclusão

Procurou-se neste texto – de forma muito esquemática, e, repita-se, omitindo vários desenvolvimentos que seriam sem dúvida necessários para que a sua tese possuísse uma maior inteligibilidade – que a oposição entre Indivíduo e Sistema em Kierkegaard não indicia, não podia indiciar, uma falta de sistematização do pensamento. A possibilidade de entender Kierkegaard como um praticante da dialéctica aspectual (o que implicaria a recusa não só do Sistema como

da própria sistematicidade) é uma possibilidade real. Mas a dialéctica aspectual acaba por se revelar finalmente integrada pela sistematicidade kierkegaardiana, maximamente representada pela articulação das esferas e pelos vários tipos de categorias que organizam essa articulação.

Trata-se agora de sugerir um percurso posterior para esta investigação:

1. Conviria explorar a especificidade e a articulação das esferas (categorias objectais) com as outras categorias, nomeadamente as existenciais. E procurar ver quais, de entre os vários tipos de categorias, aqueles que mais convêm para distinguir entre si as três esferas.

2. Seria preciso perceber quais as razões profundas, internas à sistematicidade kierkegaardiana, pelas quais a esfera da natureza e a maneira de a pensar – de a conhecer, de a explicar – se encontram ausentes do projecto kierkegaardiano.

3. Conviria também analisar as categorias modais no sentido de procurar saber algo mais sobre a sistematicidade da filosofia kierkegaardiana. Eventualmente, dois grandes livros de Jules Vuillemin, *Nécessité ou contingence*<sup>14</sup> e *What are philosophical systems?*<sup>15</sup>, seriam de alguma utilidade no capítulo.

4. Outro ponto importante a prosseguir: de uma certa maneira, cada esfera é um ponto de vista (arbitrário) sobre a experiência e a vida – e a analogia com o perspectivismo nietzschiano é, se bem que limitada, efectiva. À sua maneira, a utilização dos pseudónimos por Kierkegaard (e a discussão que entre eles se estabelece) sublinha isso.

5. A distinção entre sistema e sistematicidade possui uma importância que extravasa largamente a interpretação de Kierkegaard. De facto, toda e qualquer obra filosófica, excepto aquela que se concentra no exercício da dialéctica aspectual – e que, portanto, é herdeira do cepticismo pirrónico – apresenta um carácter sistemático. Mas isso não significa que todo o empreendimento filosófico constitua um sistema. Longe disso.

---

<sup>14</sup> VUILLEMIN, J., *Nécessité ou contingence. L'aporie de Diodore et les systèmes philosophiques*, Minuit, Paris 1984.

<sup>15</sup> VUILLEMIN, J., *What are philosophical systems?*, Cambridge University Press, Cambridge 1986.